

POR JÚLIA CHRISTINE*

Para muitas pessoas, a sociedade está mais moderna e igualitária. Dentro de casa, porém, a realidade, muitas vezes, é outra. O machismo ainda aparece na rotina das famílias, disfarçado em piadas, na atribuição desigual de tarefas, na escolha de roupas e na privação de liberdade que, muitas vezes, é confundida com proteção. A criação dos filhos sob essa mentalidade pode, mesmo sem intenção, reforçar comportamentos violentos, preconceituosos e penosos ao longo de toda a vida. Especialistas apontam que tanto mulheres quanto homens estão vulneráveis aos impactos desse tipo de educação.

Na infância, período marcado pelas primeiras referências de mundo, o machismo opera de forma sutil, mas perigosa. De acordo com a psicóloga Alessandra Araújo, os pais costumam intervir mais rapidamente para proteger as filhas em situações de perigo físico, enquanto estimulam os filhos a “enfrentar o medo”. Além disso, na dinâmica doméstica, a figura feminina é, frequentemente, associada ao cuidado e aos serviços da casa, enquanto a masculina é poupada dessas obrigações ou tem sua participação tratada como “ajuda”, e não como dever. “Essas atitudes são vistas como naturais, mas funcionam como um treinamento silencioso de papéis sociais desiguais”, comenta.

Ainda nessa fase, o sociólogo Rodolfo Godoi explica que a brincadeira é uma das primeiras formas de aprendizagem dos papéis de gênero e um modelo de como a sociedade define e espera determinados comportamentos de homens e mulheres. “Quando as meninas ganham panelas e bonecas, sabemos muito bem o que estão sendo ensinadas a valorizar. Já no caso dos meninos, muitas vezes, o primeiro bebê que seguram nos braços é o próprio filho.”

O mesmo ocorre com a liberdade infantil, que, na prática, não é distribuída de forma igual. Meninos podem correr, sujar-se e brincar livremente, aprendendo desde cedo a cair e levantar. Já as meninas são incentivadas a ser mais tranquilas, limpas e comportadas. “As saias acabam cumprindo uma função disciplinadora eficaz, evitando que pais e mães precisem formular proibições ou explicações adicionais”, reforça.

Na construção mais abstrata do ser, entre a adolescência e a fase adulta, os comportamentos machistas na relação entre pais e filhos passam a assumir outra forma. Rodolfo utiliza uma metáfora entre bodes e cabras para explicar que os meninos, representados pelos bodes, aprendem que devem demonstrar interesse sexual constante. “Afinal, se o bode está solto, ele precisa procurar fêmeas.” É assim que muitos adolescentes são educados, podendo sair com os amigos mais cedo e com mais liberdade do que as meninas. “Eles tendem a iniciar a vida sexual antes e, quanto

O QUE SE APRENDE EM CASA



Freepik

O machismo na criação dos filhos deixa marcas que atravessam a infância e chegam à vida adulta. Especialistas explicam como romper esses ciclos e educar de forma mais igualitária

mais cedo, melhor, pois isso funciona como uma prova de masculinidade”, explica.

Já a figura feminina, representada pelas cabras, deve se proteger ou, mais precisamente, ser protegida pela família. Cabe aos adultos “prender” as cabras dentro de casa o máximo possível. Caso contrário, seriam inevitavelmente atacadas pelos bodes. “A metáfora naturaliza, assim, a ideia de que o desejo masculino é incontrolável e que a responsabilidade pela proteção recai sempre sobre as mulheres”, detalha.

Os efeitos dessa criação

Para esse tipo de educação machista, há sequelas que se estendem para além da infância e da juventude. Os impactos na autoestima, na autoconfiança, nas relações amorosas e até nos ambientes de trabalho são reais. Frases como “menino não chora”, “deixa que sua irmã faz”, “menina tem que se dar ao respeito” e “isso não é roupa de menina direita” afetam diariamente a construção da identidade dos indivíduos.